

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI:
Mudanças, impactos e perspectivas

GT 18 - Psicología Social Del Trabajo En América Latina: Identidades y procesos
de subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo
cotidiano.

Vendendo roupas nas feiras de Fortaleza: uma descrição das redes sócio-produtivas

Regina Heloisa Maciel¹
Tereza Glaucia Rocha Matos¹
Luciana Maria Maia Viana¹
Karen Bomfim Hyppólito²
Renata Guimarães de Carvalho³
Iara Andrade de Oliveira⁴
Ken William²
João Bosco Feitosa dos Santos⁵

Resumo

O objetivo deste trabalho é revelar como o trabalho informal é dependente de redes sociais e de seu capital social, ilustrado pelas atividades que ocorrem nas feiras de rua do centro de Fortaleza. A importância de uma melhor compreensão do trabalho informal e como vivem estes trabalhadores justifica-se pelo aumento desse tipo de trabalho nos últimos anos. Foi realizada uma entrevista em profundidade com um produtor/fornecedor e uma pesquisa documental das notícias e documentos do governo local, para contextualizar esse tipo de mercado ao ar livre e a atividade econômica informal. Nas considerações finais, discutimos o tipo de rede e o capital social que elas fornecem para seus membros no combate ao desemprego e suporte para realizar um trabalho sob as condições inadequadas existentes nas feiras. Para compreender as atividades que ocorrem em mercados de rua e as relações sociais e produtivas que se formam em torno delas, propõe-se o termo "rede sócio-produtiva" como um constructo que deve embasar outros estudos.

Palavras-chave: Informalidade, feiras de rua, redes, capital social.

¹ Doutora em Psicologia, Universidade de Fortaleza.

² Psicólogo(a), Mestranda, Universidade de Fortaleza.

³ Psicóloga, Doutoranda, Universidade de Fortaleza.

⁴ Graduanda em Psicologia, Universidade de Fortaleza.

⁵ Economista, Doutor em Sociologia, Universidade Estadual do Ceará.

1. Introdução

As mudanças que ocorreram nas últimas décadas no mundo do trabalho têm produzido concentração de renda, redução do emprego formal e aumento da desigualdade social. Esse contexto tem originado um conjunto de atividades que compõem a economia informal e que são fundamentais para que os indivíduos que se encontram fora do mercado formal de trabalho possam encontrar trabalho, além de garantir sua sobrevivência e reconhecimento social (Durães, 2002). Cacciamali (2001) ressalta que o fenômeno da informalidade abrange inúmeras atividades econômicas heterogêneas e propõe o uso do termo "economia informal" em vez de "setor informal", como primeiro proposto pela Organização Internacional do Trabalho em 1972 (Jütting & De Laiglesia, 2009). Mão de obra terceirizada, trabalho “sem carteira”, vendedores de rua, trabalho temporário e trabalho ilegal, que envolve a evasão fiscal, são apenas alguns exemplos de atividades que compõem a economia informal. Jütting & De Laiglesia (2009) e Charmes (2009) acreditam que o trabalho informal é a norma e não a exceção nos dias de hoje e a tendência é de aumento, mesmo em países desenvolvidos. Segundo os autores, a questão da informalidade é problemática tanto para indivíduos como para a sociedade. Do ponto de vista do indivíduo, o trabalho informal significa estar fora da proteção do Estado e, portanto, em situação de vulnerabilidade social. No entanto, embora o trabalho informal esteja relacionado a pobreza e precariedade (Quinlan, 2009), ele também pode significar uma maior mobilidade social e melhores oportunidades, uma vez que, em algumas regiões, o acesso ao trabalho formal bem pago é praticamente inexistente (Gagnon, 2009). A importância de uma melhor compreensão do trabalho informal e como vivem estes trabalhadores justifica-se pelo aumento dos trabalhadores informais nos últimos anos. Em Fortaleza, dados de 2008, mostram que trabalhadores informais representavam 54,6% do total da população ocupada no estado (IDT, 2008).

O trabalho informal é propício para o desenvolvimento de capital social, no sentido proposto por Bourdieu (1980), e para a configuração de redes sociais capazes de fornecer certo grau de suporte para os trabalhadores. De acordo com a definição inicial dada por Bourdieu (1980) e expandida por Coleman (1988), capital social é o conjunto de recursos reais ou potenciais ligados à pertença a uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo ou reconhecimento. Por outro lado, as redes sociais são sistemas complexos compostos por agentes que estabelecem variados tipos de relacionamentos. O conceito e os métodos para sua análise estão cada vez mais presentes

na literatura sobre desenvolvimento social (Hatala, 2006). Para entender as disparidades regionais deve-se estudar a construção das redes, convenções e instituições que permitem ações cooperativas e que enriquecem o tecido social de uma determinada região (Abramovay, 1999).

O objetivo deste estudo é revelar como o trabalho informal é dependente de redes sociais e de seu capital social, ilustrado pelos mercados de roupas do centro de Fortaleza, Ceará. Para diferenciar o conceito utilizado aqui da ideia mais comum de redes sociais, propomos denominar o fenômeno de "redes sócio-produtivas". A rede social permite trocas baseadas no capital social do grupo. Redes sociais, por outro lado, "são compostas de teias de significados onde os recursos do capital social e seu fator característico – confiança - podem expandir" (Eagle et al., 2010, p. 1029).

2. Método

Foram utilizados dois procedimentos qualitativos. O primeiro é uma análise documental sobre os mercados de rua de Fortaleza e do Nordeste, complementado por visitas e observações informais para encontrar um entrevistado que representasse os protagonistas destes mercados de rua. O segundo é uma entrevista com um jovem que dirige uma empresa familiar nos mercados em estudo.

A análise documental consistiu de uma busca ativa de notícias e comentários sobre a formação e debates relacionados com os mercados de roupas de Fortaleza e mercados similares da região nordeste. Os documentos foram analisados com o objetivo de compreender o sistema.

A segunda parte foi uma entrevista com um representante de uma família ligada aos mercados. O entrevistado tem 22 anos e participa na gestão do negócio familiar. A entrevista não estruturada ocorreu na Universidade de Fortaleza em três ocasiões. O vendedor/proprietário pertence a uma família que está presente nos mercados de roupas desde 1998, produzindo e vendendo seus produtos na total informalidade. Foi feita uma análise do discurso focando os principais aspectos da experiência (Bardin, 1977).

3. Resultados e Discussão

As Feiras de Roupas de Fortaleza

Os mercados de rua de produtos de vestuário na cidade de Fortaleza se tornaram conhecidos como lugares para comprar produtos simples, de baixa qualidade a preços

baratos, acessíveis a pessoas de baixa renda. Até há pouco tempo, esses mercados de roupas concentravam-se principalmente no chamado *Beco da Poeira*, criado em 1989. Tratava-se de um mercado de rua permanente, localizado entre duas praças públicas. Em 2010, os comerciantes foram transferidos, pela Prefeitura, para um local próximo. A remoção de seu local original e a escolha do novo local não foi um processo fácil, uma vez que um dos objetivos das autoridades era a formalização dos comerciantes e a contenção do processo em um único local. Houve uma série de disputas entre o governo e os comerciantes. Embora alguns dos produtores e comerciantes de fato se transferiram para o chamado *Novo Beco*, e assim, formalizaram seus negócios, a grande maioria decidiu ir para outro lugar e, mesmo aqueles com bancas no Novo Beco, também transferiram parte de seus negócios para outro local informal: a Feira da José Avelino. Ao recusar a formalização os proprietários e trabalhadores mostram uma espécie de resistência apenas possível com base em ações sociais articuladas por uma rede.

A Feira da José Avelino se situa nas ruas próximas da Catedral. Silva *et al.* (2010) explicam que, inicialmente, parte de uma das ruas foi ocupada por um pequeno grupo de bordadeiras, que exibiam seus produtos em lonas no chão. Esse mercado começou a atrair produtores e intermediários de artesanato e produtos manufaturados, atingindo grandes proporções e tornando-se referência nacional no comércio de vestuário.

Atualmente, a Feira da José Avelino ocorre em antigos armazéns e fora deles, na rua. O mercado é mais movimentado nas madrugadas de quintas e segundas-feiras, recebendo compradores não só de todo o estado do Ceará, mas também de outros estados do Nordeste e até mesmo de Cabo Verde (Toniatti, 2008). Lazari (2010) salienta a importância do comércio informal de vestuário no centro de Fortaleza que reúne pelo menos 1700 fornecedores e outros trabalhadores informais. Os relatos sobre os conflitos e disputas que ocorrem em relação este tipo de comércio mostram a importância dele para este grupo de pessoas que vivem do trabalho informal. A organização do grupo indica uma rica rede de relações que acaba impondo sua tática de sobrevivência, sobre as estratégias das autoridades locais (Certeau, 1994). Os vendedores e fabricantes estão ligados em redes sócio-produtivas complexas. A feira é apenas o elo final de uma cadeia que começa com a produção informal das mercadorias e constitui uma rede de postos de trabalho informais onde trabalham membros de uma mesma família e seus amigos.

Entrevista

A análise da entrevista realizada com um jovem que mantém bancas no Beco e na José Avelino permitiu identificar algumas características das redes estabelecidas e fornece evidências da informalidade, redes e capital social, bem como da precariedade das condições e organização do trabalho que prevalecem nesses espaços comerciais. O mercado é um espaço de sobrevivência, um espaço para escapar do desemprego e/ou dos salários baixos, uma das razões para o aumento do emprego informal (Jütting & De Laiglesia, 2009). Como colocado pelo entrevistado: “eles [trabalhadores] não têm um contrato de trabalho formal (...) às vezes eles não ganham nem mesmo um salário mínimo”. A inexistência de contratos mostra a a confiança e o capital social presente na rede.

A expectativa de alcançar uma vida melhor e o desejo de possuir seu próprio negócio (Charmes, 2009) parece contribuir para a disponibilidade a submeter-se a condições precárias de trabalho e a organização caótica do mercado: “... é uma maneira de realizar seus sonhos (...) o que motiva as pessoas, mesmo sendo exploradas, é a esperança de um dia escaparem dessa situação [desemprego]”. Assim, a opção por este tipo de emprego não se baseia apenas na falta de uma melhor oportunidade de trabalho, mas é emprego sem algumas das características negativas de um emprego formal: “Este é o lado bom do Beco, você ri todo o tempo (...)”. Elementos desta natureza favorecem a criação de estratégias para enfrentar as condições adversas no mercado.

A informalidade das relações de trabalho é evidente, bem como sua natureza dinâmica: para permanecerem ativos os atores criam alternativas para se adaptar às novas contingências, usando o capital social fornecido pela rede:

Minha mãe chamou as costureiras para trabalhar dentro de casa. Depois de um tempo, minha mãe e meu pai descobriram que não era tão rentável ter as costureiras em casa, então começamos a doar as máquinas para que elas trabalhassem em suas próprias casas.

Relações familiares e de amizade fornecem o apoio social necessário para o desenvolvimento das atividades. Solidariedade e confiança são a moeda de troca dentro da rede. O entrevistado indicou vários membros de sua família que fazem parte da rede, alguns participam na fabricação de bens e outros em vender nos mercados: “minha mãe e minha tia tinham uma máquina e iniciaram a fabricação. Minhas primas e irmãs aprenderam com elas (...). Eu organizo a venda”.

4. Considerações finais

Como pode ser observado a partir do discurso do produtor/vendedor entrevistado e a breve história da formação das feiras de rua de vestuário do centro de Fortaleza, bem como dos embates com as autoridades da cidade, as feiras são muito mais do que meros espaços comerciais. Elas representam o modo de vida de milhares de pessoas que, de uma forma ou de outra, sobrevivem deste processo econômico. O setor é eminentemente informal, com ocupações precárias e informais. No entanto, os trabalhadores pertencem a uma rede e a possibilidade de utilizar o seu capital social os leva a aceitar as condições de trabalho precárias como naturais.

A rede tem muitos "nós" conectados por relações de amizade e parentesco, principalmente, e de comércio e de trabalho em segunda instância. Ela sustenta e dá significado às atividades realizadas no comércio direto da feira e nas pequenas fábricas informais, onde as costureiras são "trazidas para dentro" da casa para trabalhar em total informalidade. A expressão "rede de sócio-produtiva local" pode melhor contextualizar o assunto em questão, porque as características desta rede social informal não são ditadas pela tecnologia, embora elas sejam afetadas por ela de alguma forma, nem são limitadas ou determinadas pelas estratégias organizacionais.

O mercado fornece um modo de vida para a população urbana sem acesso ao emprego formal ou que optou por trabalhar informalmente devido à baixa qualidade dos empregos oferecidos no setor formal. É um ponto de resistência contra a crescente dificuldade de encontrar bons empregos formais, baseados em redes de familiares e amigos que podem oferecer recursos, capital social, que pode ser usado, principalmente em troca de trabalho e proteção social. Assim, estas redes podem ser chamadas de redes sócio-produtivas e devem ser estudadas a partir deste ponto de vista.

5. Referências

- Abramovay, R. (1998). O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *IV Encontro Nacional de Economia Política* (1-18). Governo do Estado do Ceará. Internet: <http://www.sep.org.br/artigo/ivcongresso66.pdf>.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (1980). Le capital social. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31(1), 2-3.

- Cacciamali, M. C. (2001). *Processo de Informalidade, Flexibilização das Relações de Trabalho e Proteção Social na América Latina: Perdas na Contribuição à Seguridade Social no Brasil*. Textos para Discussão 10/2001. Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política. São Paulo: PUC.
- Certeau, M. (1994). *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- Charmes, J. (2009). Concepts, measurements and trends. In: J.P.Jütting & J.R.De Laiglesia (Eds) *Is Informal Normal? Towards More and Better Jobs in Developing Countries*. Paris: OECD Development Centres.
- Coleman, J. S. (1988). Social capital in the creation of human capital. *The American Journal of Sociology*, 94 (Suppl.), 95-120.
- Durães, B. J. R. (2002). Trabalho informal: um paralelo entre os trabalhadores de rua da cidade de Salvador no século XIX e no século XXI. *Caderno CRH, Salvador*, 37 (2): 289-308.
- Eagle, N.; Macy, M.; Claxton, R. (2010). Network diversity and economic development. *Science*, 328(5981), 1029-1031. AAAS. doi: 10.1126/science.1186605.
- Gagnon, J. (2009). Moving out of bad Jobs: more mobility, more opportunity. In: J.P.Jütting, J.R.De Laiglesia (Eds) *Is Informal Normal? Towards More and Better Jobs in Developing Countries*. Paris: OECD Development Centres.
- Hatala, J.-P. (2006). Social network analysis in human resource development: a new methodology. *Human Resource Development Review*, 5(1), 45-71. doi: 10.1177/1534484305284318.
- IDT – Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (2008). *Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Fortaleza. Relatório Anual de 2008*. Fortaleza; IDT.
- Jütting, J.; De Laiglesia, J. R. (2009). Employment, poverty reduction and development: what's new? In: J.P.Jütting & J.R.De Laiglesia (Eds) *Is Informal Normal? Towards More and Better Jobs in Developing Countries*. Paris: OECD Development Centres.
- Lazari, M. (2010). Feirantes ignoram PM e iniciam comércio em prédio. *Jornal O Povo [online]*. Publicada em 24.07.2010. Internet: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/fortaleza/977225.html>.
- Quinlan, M. (2009). We've been down this road before: evidence on the health consequences of precarious employment in industrial societies, 1840-1920. *AAHANZBS Conference 2009*, 1-11.
- Salvi, H. (2008). Aceita-se cartão de crédito. *Jornal O Povo [on line]*. Publicado em 01.12.2008. Internet: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/economia/840713.html>.

Silva, E. S.; Santos, M. C.; Silva, J. B. (2010). Comércio Informal no centro de Fortaleza: Beco da Poeira e Feira da Sé. In Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) (Eds.), *Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Porto Alegre: AGB.

Toniatti, M. (2008). Espaço público: território de ninguém. *Jornal O Povo [online]*.
Publicado em 29.04.2008. Internet:
<http://www.opovo.com.br/www/opovo/fortaleza/784547.html>.